

GOMEMOREMOS O DIA 1.º DE MAIO!

O 1.º de Maio é uma jornada de luta dos trabalhadores de todo o mundo. Nesse dia, a classe operária e todos os outros trabalhadores, comemoram a conquista de várias das suas antigas reivindicações, entre elas, a conquista da jornada de 8 horas de trabalho. O 1.º de Maio é, pois, um dia de luta para todos os trabalhadores que são explorados e oprimidos pelo patronato, pelos capitalistas. Naqueles países onde a classe operária e os camponeses conquistaram o poder — nos países socialistas — o dia 1.º de Maio é um dia de festa; nesse dia se festejam as grandes vitórias alcançadas pelos trabalhadores na construção duma sociedade sem explorados e

exploradores, duma sociedade onde os trabalhadores veem melhorar de dia para dia o seu bem-estar, onde há fartura e felicidade para todos.

Para os trabalhadores agrícolas portugueses, explorados e oprimidos pelos grandes agrários e pelas autoridades, o dia 1.º de Maio deve ser um dia de luta por melhores condições de vida, de defesa da sagrada causa da paz e de conquista das liberdades democráticas. O governo de Salazar, que é inimigo dos trabalhadores, não fez do dia 1.º de Maio um dia feriado, como é em quase todos os países do mundo. Cabe a nós, trabalhadores, fazer deste dia uma jornada de luta pelas nossas principais reivindicações (melhores jornas, trabalho assegurado para todos, horário de trabalho, etc) e também uma jornada de defesa da paz e de conquista daquelas liberdades democráticas fundamentais, que o governo fascista de Salazar nega ao povo português.

Será fácil conseguir-se levar os
(Continua na 2.ª pág.)

GES
PCP



ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

POR CONTRATOS COLECTIVOS DE TRABALHO

Que Garantam Trabalho a Todos e Uma Jorna Certa!

Os grandes agrários estão a empregar cada vez mais máquinas nos campos e a lançar no desemprego um número cada vez maior de assalariados agrícolas. Primeiro, foram as máquinas ceifeiras, que em muitos lados fizeram já com que, mesmo por altura das ceifas, haja muitos trabalhadores desempregados. Agora é a monda química, que está a fazer com que muitos trabalhadores não encontrem trabalho nesta quadra do ano. Com o emprego cada vez maior das máquinas, os grandes agrários, além de lançarem cada vez mais trabalhadores no desemprego e na fome, procuram rebaixar mais ainda os salários, chegando-se à miséria de se trabalhar de sol a sol, para se receberem jornas de 14\$00 e 17\$00 para os homens e 8\$00 e 9\$00 para as mulheres, como sucede no concelho de Alcácer do Sal! O governo de Salazar, que não devia consentir estes salários de fome e de miséria, não somente os consente, como ainda põe a GNR e as autoridades ao serviço dos grandes agrários, que desta forma desumana exploram os seus trabalhadores.

Que devem fazer os assalariados agrícolas perante esta situação? Deixarem-se morrer lentamente de fome? Destruírem as máquinas dos grandes agrários? Abandonarem as suas terras e procurarem trabalho nas cidades? Ou lutarem por trabalho assegurado para todos e jornas que correspondam à subida do custo da vida?

Só há um caminho para os assalariados agrícolas. **ESSE CAMINHO NÃO É O MAIS FÁCIL, MAS É O ÚNICO QUE LHE PODE TRAZER, DESDE JÁ, UMA MELHORIA PARA AS SUAS AFLITIVAS CONDIÇÕES DE VIDA!**

O caminho que «O Camponês»

aponta a todos os assalariados agrícolas é aquele que os seus companheiros de Vale de Vargo e de Pias seguiram em 1955, que se reuniram todos na Casa do Povo e aí discutiram com os patrões e com as autoridades **A JORNA A GANHAR POR TODOS ELES, DURANTE TODA A CEIFA, COM A GARANTIA DE NINGUÉM FICAR SEM TRABALHO.** Trata-se, portanto, de exigir das autoridades **A ASSINATURA DE CONTRATOS LIVREMENTE ACEITES PELOS TRABALHADORES E COM ELES DISCUTIDOS ANTES,** que garantam durante toda a CEIFA, durante toda a MONDA, ou durante toda a AZEITONA, trabalho garantido para todos os assalariados agrícolas e uma jorna certa,

desde o começo até ao fim da safra. Se conseguirmos isto, o emprego das máquinas deixa de ser um mal tão grande para nós, as máquinas deixam de servir fundamentalmente aos grandes agrários para rebaixarem ainda mais as jornas e para lançarem no desemprego um número cada vez maior de trabalhadores. Que isto é possível, demonstram-nos os contratos colectivos celebrados em outros países capitalistas entre trabalhadores agrícolas e os patrões, prova-o também o exemplo dos trabalhadores de Pias e de Vale de Vargo.

Será fácil conseguir-se levar os
(Continua na 2.ª pág.)

GREVES E LUTAS DOS ASSALARIADOS AGRÍCOLAS

GREVES POR AUMENTO DOS SALÁRIOS

ALPIARÇA — Em Dezembro 70 assalariados pediram na Praça de Jornas um aumento de 5\$00 nos seus salários, passando assim de 20\$00 para 25\$00. Como os agrários recusassem dar o aumento, os valentes trabalhadores foram para a greve, **estando 2 dias em greve.** O presidente da Câmara, para os enganar, dizia-lhes que fossem trabalhar, que depois seriam aumentados. A esta manobra responderam os trabalhadores dizendo que os aumentassem primeiro, que depois iriam trabalhar. Perante a firmeza dos trabalhadores, os agrários e o presidente da Câmara tiveram de se dar por vencidos e concederem o aumento pedido. No dia 4 de Janeiro estes trabalhadores, agora em número de 300, reuniram e resolveram pedir um novo aumento de 5\$00, passando a ganhar 30\$00. Como alguns agrá-

rios se tivessem negado, na Praça de Jornas, a dar os 30\$00, perto de 300 assalariados **fizeram de novo greve durante um dia,** tendo os agrários à noite cedido e pago os 30\$00. Como resultado desta luta as mulheres também passaram de 12\$50 para 15\$00. O presidente da Câmara pretendia mais tarde fazer baixar os salários para 22\$00, mas os trabalhadores recusam-se a trabalhar por menos de 30\$00. A unidade e firmeza na luta dos valentes camponeses de Alpiarça assegurou-lhes a vitória.

BALEIZÃO — As camponesas desta localidade estiveram **em greve durante 8 dias seguidos,** recusando-se a irem mondar por salários inferiores a 15\$00, visto os agrários quererem pagar somente 10\$00. Conseguiram 12\$00. Já anteriormente um rancho de 20 mulheres se tinha recusado a trabalhar por 10\$00. A combatividade e unidade das montadeiras de Baleizão permitiram-lhes a conquistarem melhores salários e alcançarem as jornas que alcançaram o ano passado, se prosseguirem na luta.

VIANA DO CASTELO — Em Dezembro mais de 30 trabalhadores rurais da Câmara fizeram **greve durante 4 dias** para conseguirem que lhes fossem pagos os salários à semana e não à quinzena, o que conseguiram, apesar das ameaças da PIDE e de certos funcionários da Câmara. Como a Câmara, alguns dias depois desta vitória dos trabalhadores, exigisse, como repulsão, o exame de 3.ª classe aos seus assalariados e considerasse despedidos os que o não tinham, que eram a maioria, os trabalhadores tiveram de recorrer **de novo à greve,** mais um dia, para fazerem valer os seus direitos. A unidade destes

trabalhadores assegurou-lhes uma vitória completa.

OUTRAS LUTAS POR AUMENTO DOS SALÁRIOS

PIAS—VALE DE VARGO—BALEIZÃO — Os assalariados rurais destas povoações enviaram ou vão enviar em conjunto uma exposição dirigida à Junta Central das Casas do Povo e à Comissão Coordenadora das Obras Públicas no Alentejo pondo-lhes a questão dum aumento geral de salários.

S. CRISTÓVÃO — Desta povoação e seus arredores enviaram uma carta com bastantes assinaturas ao deputado Nunes Mexia a pedir trabalho assegurado para todo o ano e um salário compatível com o aumento do custo da vida.

COUÇO — Os assalariados agrícolas elaboraram uma exposição pedindo às autoridades um aumento geral dos salários.

AVIS—BENAVILA — Também destas localidades enviaram ou vão enviar uma exposição ao presidente da Câmara a pedir um salário mínimo para os trabalhadores rurais.

SANTA MARGARIDA — Um rancho de 150 mulheres conseguiu que um agrário de Ermidas lhes pagasse nas mondas a 16\$00, em lugar de 10\$00 que é o salário da terra.

ALCÁÇER DO SAL — Os trabalhadores de Palma, que só ganhavam 14\$00 e 15\$00 ultimamente, forçaram os agrários a subirem as jornas, abandonando o trabalho dos que pagavam jornas mais baixas, como o J. Núncio, que ficou sem trabalhadores, e indo ganhar 22\$00, esperando alcançarem jornas mais elevadas. Da unidade e firmeza destes trabalhadores depende a melhoria das suas duras condições de vida.

(Continua na 2.ª pág.)

O POVO LUTA PELA DEMISSÃO DE SALAZAR!

De Norte a Sul do país o povo luta pela demissão de Salazar, o inimigo número um da Liberdade. Nós, trabalhadores do campo, que temos sido explorados ao máximo, que vimos as nossas condições de vida agravadas espantosamente nestes últimos trinta anos, que cada vez lutamos com mais desemprego, jornas mais baixas, mais sofrimentos e mais fome, não podemos ficar de fora e indiferentes perante esta luta patriótica, pois sabemos que Salazar é o principal responsável pela nossa miséria.

Pessoas de todas as condições sociais, operários, camponeses, advogados, médicos, escritores, artistas, industriais, padres, antigos minis-

tros, etc, assinaram documentos em que se apresenta ao governo e às autoridades a necessidade de Salazar sair já do governo, de ser demitido. Inscricões nas paredes, manifestos, etc, dizem ao povo que Salazar deve ser demitido para bem da nação, que devemos lutar todos para que ele seja expulso do governo, por ser ele o principal responsável por tudo de mau que este regime tem feito.

Nós, camponeses, que tanto temos sofrido com a acção nefasta de Salazar no poder, temos de organizar por toda a parte a luta pela sua demissão, deveremos dar uma importante contribuição para esta luta patriótica, que expressa a vontade da maior parte do nosso povo.



VAMOS LÁ CONVERSAR O ZÉ!

— O bom amigo Zé, já pensava que nunca mais nos encontrávamos!

— É verdade, Toíno, a repressão é tanta que já quase ninguém pode ir de umas terras para as outras, mesmo que seja em passeio...

— E qual será a melhor forma, a empregar por nós, para que essa repressão desapareça, Zé? Que pensas tu a este respeito?

— Olha, Toíno, penso que primeiro que tudo é preciso nós unirmo-nos como um só homem. Depois, irmos concentrar-nos diante das autoridades, nas Casas do Povo e em outros sítios, e exigirmos que cesse a repressão contra os nossos irmãos presos e perseguidos. Devemos fazer abaixo-assinados, exigindo do governo que cesse a repressão contra o povo!

— Então tu queres dizer, Zé, que se por todos os lados houver protestos contra a repressão, que esta desaparecerá?

— Lá desaparecer de todo, não desaparece, Toíno. Só quando Salazar e a sua camarilha forem corridos do governo pelo povo; só quando houver um Governo Democrático, a repressão acabará. Por isso mesmo temos todos de lutar para que Salazar seja demitido!

— Agora já compreendo, Zé, para que Salazar se possa aguentar no poder é preciso ele desencadear a repressão contra todas as pessoas honradas, que sem essa repressão contra o povo ele já teria sido expulso do governo há muito tempo! Agora já sei como esclarecer a malta nesse sentido.

— O Toíno, o que é que tu me dizes com respeito às ceifas, que se aproximam?

— Já estás a falar nas ceifas, Zé? Ainda agora começaram as mondas!...

— Sim, Toíno, digo-te que devemos começar desde já a fazer reuniões de homens e mulheres, para assentarmos nas jornas que vamos pedir este ano para as ceifas. Devemos ver todos como iremos lutar contra o emprego das máquinas ceifeiras pelos agrários. Devemos lavar contratos colectivos de trabalho, por cada terra ou região, em que o governo e os agrários se comprometam a dar trabalho a todos e a pagarem uma jorna certa, desde o começo até ao fim das ceifas, durante pelos menos 30 dias. Devemos formar Comissões com homens e mulheres, para dirigirem a nossa luta, desde já. Não devemos deixar passar mais tempo! Depois será tarde para tratarmos disto tudo!

— Agora já sei o que devemos fazer, Zé. Isto quer dizer que quando nós andamos nas ceifas, devemos começar logo de seguida a unir-nos e a falar na luta contra o desemprego, depois desta, devemos estar preparados para a azeitona, depois devemos tratar das mondas, e ao começar destas, prepararmos-nos novamente para as ceifas. Não é assim?

— É assim mesmo, Toíno! A exploração sobre nós é cada vez maior, só com muita luta, lutando todos os dias, nós poderemos melhorar um pouco a nossa vida. Os grandes agrários, com o seu patrão à frente — que é Salazar — combinam de noite e de dia a forma de nos explorarem, para terem cada vez maiores lucros à nossa custa.

— Agora estou eu a ver que não é já nada cedo, Zé! Devemos começar desde já a fazer reuniões e a unirmo-nos à volta do preço a pedir para as ceifas este ano. No ano passado, os nossos companheiros de Baleizão, de Montemor-o-Novo, Amareleja, Ermidas e de outras terras, uniram-se à volta dos preços estabelecidos pelo «**Camponês**» (que eram de 50\$00 para os homens e 32\$00 para as mulheres) e conseguiram-nos, tendo mesmo chegado a ganhar 60\$00. Onde não se uniram, não foi possível alcançar tal vitória!

— Portanto, comó vés, Toíno, é preciso desde já, e sem perda de tempo, unir e organizar os ceifeiros e falar a toda a gente nos preços a pedir!

— Digo-te, Zé, que para estas ceifas que se aproximam, temos até condições para conquistar 60\$00 para os homens e 40\$00 para as mulheres! Tudo está em começarmos desde já a trabalhar, todos unidos, para isso!

As Eleições para as Juntas de Freguesia

Devem-se realizar este ano as eleições para as Juntas de Freguesia. Colocar à frente das Juntas de Freguesia homens honrados, dispostos a promoverem melhoramentos locais e a defenderem os interesses dos moradores dessas freguesias, deve ser uma preocupação para todos os portugueses. Como se sabe, são as Juntas de Freguesia que devem promover certos melhoramentos, como construção de ruas, fontes, caminhos, etc, e que passam os atestados de pobreza aos doentes a internar nos hospitais. Este simples enunciado mostra como interessa a todos os trabalhadores colocar à frente das Juntas de Freguesia homens dispostos a defenderem os interesses do povo.

Há que formar, por isso, desde já, a lista com os nomes das pessoas que se pensa que devem ficar à frente da Junta e fazer a propaganda dessa lista junto de todos os eleitores. A Junta que se propõe deve comprometer-se a realizar um caderno de melhoramentos locais, deve ter um programa de acção que interesse a todos os moradores da freguesia.

800 RENDEIROS AMEAÇADOS DE SEREM DESPEDIDOS!

Reina grande descontentamento e indignação entre mais de 800 pequenos rendeiros da Casa Fialho, proprietária do Morgado, próximo da Quarteira. Os gerentes da Casa Fialho pretendem tirar a terra que cultivavam há muitos anos a mais de **800 famílias**, as quais vivem do rendimento que tiram com muito trabalho dessas terras, e entregá-las a dois opulentos e grandes arrendatários.

Este intento dos gerentes da Casa Fialho, grandes agrários e grandes industriais, não será fácil de realizar, não lhes será fácil expulsar das terras que cultivam há muitos anos estes 800 rendeiros, nem

tão pouco expulsar das casas que habitam estas 800 famílias. Estas famílias estão dispostas a dar tudo por tudo, para não deixarem que lhes roubem as terras que há anos desbravaram e cultivam e que são o amparo da sua vida!

Rendeiros da Casa Fialho! Não vos deixeis expulsar das terras que desbravasteis nem das casas onde habitais! Segui o heroico exemplo dos vossos companheiros das quintas da Couxa e da Alela, de Fernão Ferro e de muitos outros lados e vencereis! **Recusai-vos terminantemente a abandonar as vossas terras e as vossas casas!**

Greves e Lutas dos Assalariados Agrícolas

(Continuação da 1.ª pág.)

SINES — Nas Varginhas 50 mulheres que andavam a mondar abandonaram o trabalho como protesto contra o emprego da monda química.

LUTAS CONTRA O DESEMPREGO

BALEIZÃO — Nesta localidade os trabalhadores desempregados têm feito repetidas concentrações na Casa do Povo, sempre que lhes falta trabalho, e têm conseguido ser empregados nas estradas.

MONTEMOR-O-NOVO — Em Janeiro mais de 100 desempregados concentraram-se na Casa do Povo, tendo 30 destes declarado que não sairiam dali enquanto não lhes arranjassem trabalho. Ante a firmeza dos trabalhadores, o presidente da Câmara teve de dar trabalho a todos.

S. CRISTOVÃO — Em Janeiro mais de 100 trabalhadores desempregados dirigiram-se à Casa do Povo a exigir trabalho, acabando por serem empregados, embora com salários

diferentes para os jovens e para os velhos, o que provocou indignação e levou os trabalhadores a exigirem salário igual para trabalho igual.

PIAS — Grupos de assalariados desempregados têm ido em grupos de 50 e de 80 à Casa do Povo a exigir trabalho, tendo a maioria deles ido trabalhar para as estradas.

AVIS-BENAVILA — Nesta região os trabalhadores sempre que se encontram desempregados têm-se dirigido, em grupos numerosos, ao presidente da Câmara e têm exigido deste trabalho, o que têm conseguido.

ERVIDEL — Foi uma comissão de 11 mulheres a Aljustrel para falar ao presidente da Câmara e pedir-lhe trabalho. Depois, estas e outras valentes mulheres foram à Casa do Povo com os maridos e filhos e a gritar: «Temos fome!», «Queremos Trabalho!». Juntou-se muita gente a presenciar esta trágica manifestação dos desempregados.

TRABALHADORES! PROSEGUI SEM DESFALCIMENTOS A VOSSA LUTA CONTRA A FOME E A MISÉRIA! LUTAI TODOS UNIDOS E ORGANIZADOS POR MELHORES SALÁRIOS, POR TRABALHO ASSEGURADO PARA TODOS, POR UM HORÁRIO DE TRABALHO! DA VOSSA UNIDADE E DA VOSSA FIRMEZA DEPENDE A VOSSA VITÓRIA!

Por Contratos Colectivos de Trabalho

(Continuação da 1.ª pág.)

grandes agrários e as autoridades a assinarem contratos colectivos com os assalariados agrícolas para as ceifas, azeitona ou para as mondas?

Não, não será tarefa fácil! Temos de lutar todos unidos e com firmeza, **POR LOCALIDADE E POR REGIÃO**, para se conseguir isso! As autoridades e o governo servem os interesses dos grandes agrários, são contra os assalariados agrícolas. Não será de bom grado que eles irão discutir preços conosco e comprometerem-se, por escrito, a garantirem-nos trabalho durante toda a safra! **MAS SERÃO FORÇADOS A FAZÊ-LO SE TIVEREM MEDO DA NOSSA FORÇA, SE VIREM QUE ESTAMOS TODOS UNIDOS E DECIDIDOS A NÃO AGUENTAR ESTA SITUAÇÃO TRÁGICA POR MAIS TEMPO!**

Os grandes agrários e autoridades assinaram o Contrato Colectivo com os assalariados agrícolas de Pias e de Vale de Vargo, em 1955, porque em 1954, por ocasião das mondas, o povo de Vale de Vargo cercou o posto da GNR e em Pias mais de 1.500 trabalhadores tinham-se manifestado nas ruas. Foi o medo de novas e mais violentas lu-

tas que forçou o patronato e as autoridades a assinarem na Casa do Povo de Pias um contrato colectivo aceite pelos trabalhadores.

As greves e lutas dos trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo, após as eleições para a Presidência da República, greves que abarcaram dezenas de milhares de camponeses, encheram de medo o governo e o patronato. Eles sentiram, através dessas heroicas jornadas de luta, que os assalariados agrícolas, e com eles todo o povo de Portugal, não querem continuar a ser explorados e oprimidos como têm sido até aqui. Isto quer dizer que se os assalariados agrícolas do Alentejo e do Ribatejo souberem aproveitar esta situação, se forjarem uma vasta unidade de acção, se organizarem a sua luta, poderão forçar os grandes agrários e as autoridades salazaristas a irem para a assinatura de **CONTRATOS COLECTIVOS** que garantam trabalho assegurado a todos os assalariados agrícolas e uma jorna mais elevada e certa para cada safra.

POR TRABALHO ASSEGURADO PARA TODOS! POR JORNAS CERTAS E MAIS ELEVADAS PARA TODOS!